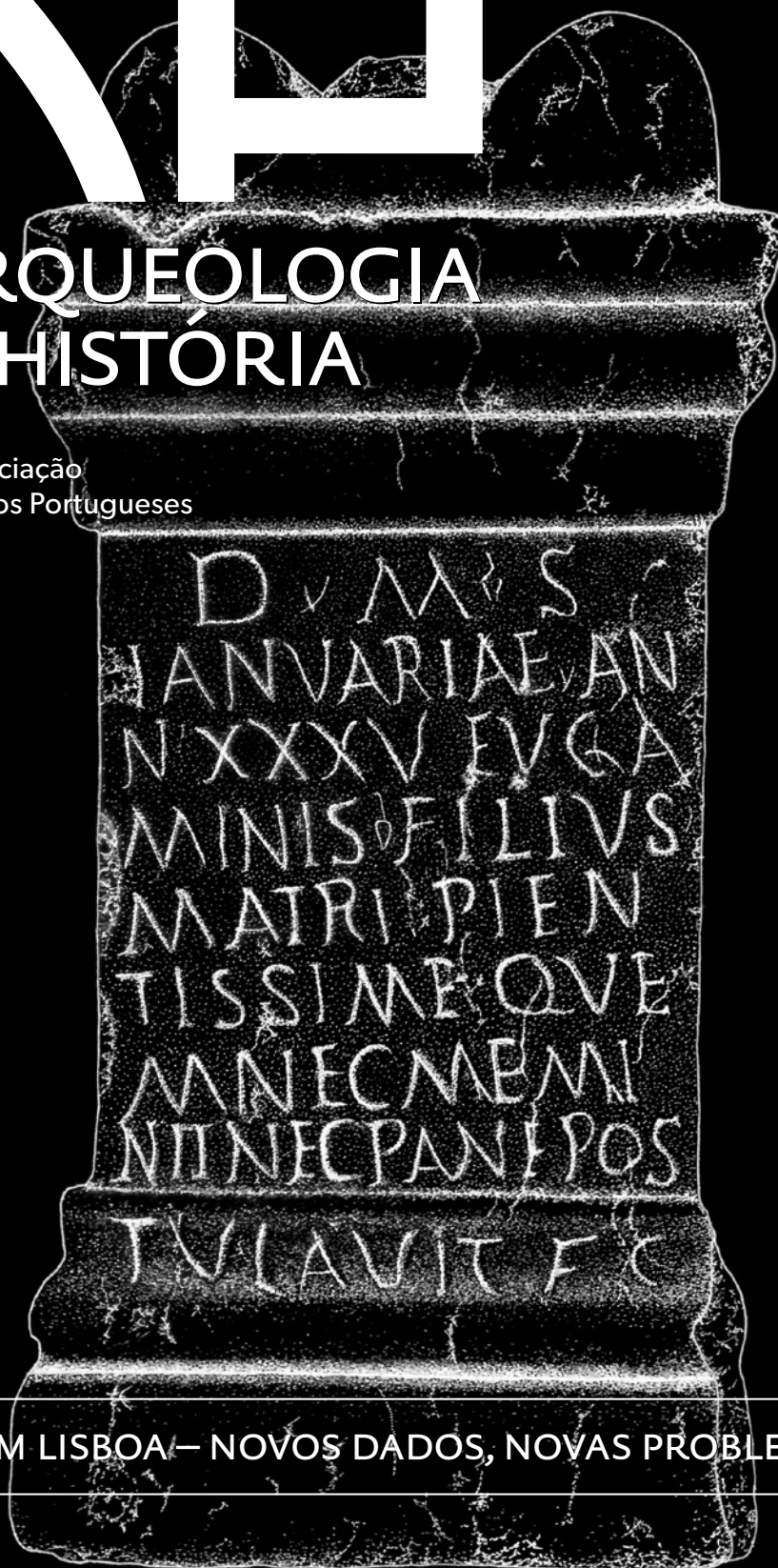


ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72



A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

71-72

Ano de Edição

2022

Anos Associativos AAP

2019-2020

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 ‘*et sepultus est*’ – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

ARTIGOS

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barrozo

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre a campanha de escavação de 2019

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica
Nuno F. Poínhas Pires

RELATÓRIOS

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2019
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2020
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

MORRER EM LISBOA. CONTEXTOS E CONTRIBUTOS ARQUEOLÓGICOS

Margarida Ataíde

IAP-FCSH/NOVA / margaridaataide@fcsh.unl.pt

Resumo

Pretende efetuar-se estudo teórico sobre a distribuição dos espaços sepulcrais, tipologia de ritos, posição dos corpos e espólio arqueológico caracterizador do período medieval, através da análise documental e testemunhos resultantes de escavações arqueológicas efetuadas em Lisboa e seu termo.

Recorreu-se à análise comparativa dos resultados de intervenções arqueológicas realizadas nos termos de Sintra e Odivelas, permitindo a realização de abordagem regional e eventual diferenciação entre enterramentos em meio rural/urbano. Foram cruzadas informações das sondagens com espólio documental dos Arquivos Nacionais para perceber a evolução das tipologias de enterramento, sua integração social e evolução da informação constante nas lápides funerárias. O resultado foi um trabalho de síntese com o qual pensamos contribuir para o conhecimento sobre a Morte na Lisboa medieval.

Palavras-chave: Arqueologia, Morte, Idade Média.

Abstract

It was intended to carry out a theoretical study on the distribution of sepulchral spaces, typology of rites, position of bodies and archaeological features characterising the medieval period, through documentary analysis and testimonies from archaeological excavations in Lisbon and its term.

We used a comparative analysis of the results of archaeological interventions carried out in terms of Sintra and Odivelas, allowing a regional approach and eventual differentiation between burials in rural/urban environments. Information was gathered from archaeological and documentary records of National Archives to understand the evolution of burial typologies, their social integration and evolution of information on funeral stones.

The result was a synthesis work with which we intend to contribute to the knowledge about Death in medieval Lisbon.

Keywords: Archaeology, Death, Middle Age.

1. INTRODUÇÃO

Queria começar por agradecer o convite que me foi endereçado pela Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses, nas pessoas do seu presidente, Professor Doutor Mário Varela Gomes, e do seu Secretário, Dr. Carlos Boavida.

A questão da morte sempre preocupou o Homem ao longo do tempo. O lugar de repouso derradeiro daquilo que era o invólucro da sua alma, e também o objeto do seu pecado, sempre se associou a essa preocupação legitimamente humana.

Abordada de muitas e variadas formas ao longo dos séculos, a evolução da ideia de Morte foi sendo expressa em documentos, hoje arquivados, mas foi-o igualmente através dos vestígios materiais que nos foram sendo legados e cujas marcas tão intrinsecamente se ligam à forma urbanística das cidades, e ao seu permanente crescimento.

Cidade dos vivos e cidade dos mortos ligam-se inegavelmente na Idade Média, quer pela sua inclusão ou absorção pelo espaço habitacional, devido não só ao crescimento dos núcleos urbanos, mas também à polarização do espaço pela igreja (Lawers, 2005: 28).

De facto, tal como o definiu Rodrigues Ferreira – a quem não queria deixar de prestar publicamente homenagem – o cemitério adossado à igreja desempenhava várias funções enquanto espaço público e de recolhimento, demonstrando a ligação que referi supra: era local de brincadeira das crianças de manhã, como o comprovam as marcas de jogo encontradas em variados sítios funerários, e de piqueniques à hora da refeição; de desempenho de ofícios e de serviços de carácter jurídico, como a elaboração de cartas, testamentos, petições e outros documentos à tarde; prazer lúbrico onde se procuravam prostitutas ao fim do dia; e de um pulular de encontros de malfeitores e de ladrões que dividiam o produto dos seus «saques» à noite (Cunha & Ferreira, 1998: 71-72).

Não podemos esquecer ainda a utilização do espaço do cemitério para todas as atividades que produziam ruído excessivo. Assim, era o espaço ideal para a realização de feiras, a instalação de forjas, de zonas de abate de animais, entre outros, levando em alguns casos as autoridades eclesiásticas a emitir proibições do seu uso «terreno» em prol da defesa do seu carácter religioso.

Se os ritos relativos ao momento da morte e da sepultura do homem medieval podem com alguma

dificuldade ser intuídos dos documentos existentes, o contributo da arqueologia medieval e, acima de tudo, da arqueologia funerária no contexto de intervenções efetuadas nas últimas décadas em meio urbano, assim como em meio rural, tem mostrado espaços sepulcrais de maior ou menor dimensão, sempre resultantes de ação antrópica, em alguns casos vastos espaços cemiteriais, noutros pequenos aglomerados de sepulturas, permitindo a identificação de tipologias de enterramento, bem como do espólio funerário que as acompanhava.

O ponto de partida da minha investigação centrou-se no momento do cerco de Lisboa: o exército português, liderado por D. Afonso Henriques e pelos seus lugar-tenentes, contou com o auxílio de forças militares oriundas de França, Inglaterra, Alemanha, Itália e de um pequeno contingente norueguês. Cada nacionalidade se instalou em acampamentos nas colinas distintas que envolvem a cidade de Lisboa. Os confrontos militares conduziram forçosamente a óbitos e aos consequentes enterramentos *in situ* ou em terreno consagrado.

Interessava-me particularmente perceber se, a partir dos vestígios arqueológicos descobertos desde há alguns anos, seria possível determinar as diferenças culturais razoavelmente expetáveis dado o carácter geograficamente diferenciado de cada contingente militar. A resposta final é... não. Os rituais funerários não evidenciam, de facto, qualquer tipo de distinção entre as sepulturas pertencentes a uns ou pertencentes a outros. O denominador comum é o ritual cristão católico, nomeadamente na necrópole de S. Vicente de Fora, local de sepultura dos soldados de origem germânica.

A questão evoluiu, então, para a necessidade, que a meu ver se evidenciava, de um trabalho de sistematização do estado atual dos conhecimentos relativo à arqueologia funerária em Lisboa.

No trabalho de contextualização arqueológica que então desenvolvi, deixei de lado informações sobre outras intervenções arqueológicas realizadas na cidade de Lisboa e no seu termo, quer por se tratar de situações pontuais, quer por se enquadrarem fora do contexto do presente trabalho. Não quero, contudo, deixar de lhes fazer referência, dado que trabalhos posteriores sobre os mesmos sítios e sobre o mesmo tema terão necessariamente de tê-los em conta para uma visão de conjunto da arqueologia funerária nesta cidade. No primeiro caso podemos apontar os

exemplos da Igreja do Santíssimo Sacramento¹, da Rua de São Mamede ao Caldas (CNS 16063, Diogo, 1993: 2-3), do Castelo de São Jorge – Espírito Santo II (CNS 13308, Gaspar & Gomes, 1999a; complemento do relatório em 1999), Praça Nova (CNS 1101, Gaspar e Gomes, 1999b: 31 e 38; Informação n.º 271, de 21.10.2009²) e Palácio das Cozinhas³, da Rua dos Douradores (CNS 13050; Silva, 1999: 37-38, 39-40, 52; Sepúlveda, Gomes & Silva, 2003: 402-404) e da Escola Secundária D. João de Castro (CNS 14390, Bugalhão, 2005: 10-11).

Quanto ao segundo, correspondentes a datações dos enterramentos postos a descoberto e atribuídos a período histórico posterior ao século XV, podemos citar as intervenções na Rua D. Pedro V⁴, na Calçada

Nova do Colégio (Pinto & Robalo, 2003: 5-6), assim como a da Necrópole do Colégio Santo Antão-o-Novo (Rua do Instituto Bacteriológico, CNS 3381, intervenção conduzida por Iolá Filipe – PPF 19; Base de Dados Endovélico; Valera, 2005: 144-145), a da Capela de Nossa Senhora da Saúde (intervenção da empresa Era Arqueologia SA, PPF 31), a do Largo de Santo Estêvão (Era Arqueologia, PRR 48; Almeida, 2008), a do edifício-sede do Banco de Portugal (CNS 31018, da responsabilidade de Artur Rocha e de Jessica Represas – empresa Zephyros Arqueologia; Rocha & Represas, 2008), e a da Rua Serpa Pinto (junto à Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, da responsabilidade de Alexandra Valente e Marco António Andrade, CNS 30575).

¹ Numa intervenção de salvamento, a cargo de Adolfo Martins (CNS 3503), apareceram em 1990 vestígios osteológicos no pátio da igreja, constituídos por dois esqueletos sobre fragmentos de telha e de tijoleira. Não existe no IGESPAR o respectivo relatório, embora exista referência de que o mesmo foi entregue em 1992.

² A informação é assinada por Ana Martins e José Correia.

³ Não obstante todos os esforços, não me foi possível consultar este processo (CNS 13306), aparentemente uma outra frente de trabalho simultânea no Castelo de São Jorge e igualmente da responsabilidade das mesmas investigadoras (Alexandra Gaspar e Ana Gomes). Contudo, obtive a referência, na Base de Dados Endovélico (IGESPAR), de uma inumação enquadrável no período islâmico, imediatamente depositada sobre o substrato geológico.

⁴ Nos trabalhos de acompanhamento arqueológico (em 2002) num prédio sito no Príncipe Real (CNS 3650), dirigidos por Sofia Gomes, foram encontrados, de acordo com a Base de Dados Endovélico (IGESPAR), esqueletos, fragmentos cerâmicos e estruturas, sem que em relação aos mesmos seja dada qualquer cronologia.

Para levar a cabo o trabalho de síntese a que me propus, reuni toda a informação disponível – a título comparativo – sobre os termos de Lisboa, de Odivelas e de Sintra, no tocante aos exemplos de conjuntos funerários já objecto de investigação (até 2011, data da defesa da tese de Doutoramento de que fui autora, não obstante o aparecimento de outros sítios arqueológicos entretanto investigados nos mesmos termos ou a continuação das intervenções que se encontravam em curso) e que permitiram tirar algumas conclusões.

Tendo em conta os elementos que referi, escolhi estudar no Termo de Lisboa diversos conjuntos, a saber:

1. Sé Catedral de Lisboa: este sítio arqueológico foi escavado sucessivamente por José Luís de Matos e Clementino Amaro (1990-1994); Alexandra Gaspar (1995-1996); e, finalmente, por Alexandra Gaspar e Clementino Amaro (1997-1999) (Amaro, 1992, 1993, 1995; Matos, 1994; Endovélico; Arruda,



Figura 1 – Localização dos sítios estudados no centro do termo de Lisboa: 1 – Catedral de Lisboa; 2 – Igreja de Santa Luzia; 3 – Convento da Graça e antiga Igreja de Santo André; 4 – Igreja de São Cristóvão; 5 – Convento do Carmo e o respectivo Largo; 6 – Convento de São Vicente de Fora; 7 – Igreja de São Domingos; 8 – Convento de São Salvador; 9 – Igreja de São Francisco; 10 – Igreja de São Martinho; 11 – Praça da Figueira; 12 – Igreja de São Lourenço; 13 – Convento do Espírito Santo da Pedreira. Excerto da Carta Militar de Portugal Série M888 (2009) – Folha 431, Lisboa, esc. 1:25000, Instituto Geográfico do Exército, Lisboa.

Freitas & Vallejo Sánchez, 2000). A escultura funerária da Sé de Lisboa foi ainda estudada, entre outros autores, por Mário Barroca (Barroca, 2000: 290 & 1717; 2003: 1163-1164) e por Carla Varela Fernandes (Fernandes, 2001).

2. **Igreja de Santa Luzia**, que não foi objeto de intervenção arqueológica (Sousa, 1982: 69-77; Araújo, 1992: 70-71; www.ippar.pt).
3. **Convento da Graça e a antiga Igreja de Santo André**: objecto de estudo de Mário Barroca no tocante aos túmulos do Doutor Rui Gomes de Alvarenga e de sua mulher, D. Melícia de Melo, respetivamente de 1475 e de 1479, que daí proviriam, como dois dos exemplos de utilização de numeração árabe, introduzida a partir de 1475 (Barroca, 2000: 197).
4. **Igreja de São Cristóvão**: Inês Matoso publica o respetivo estudo em 2000 e 2001 dedicado ao conjunto de tumulária medieval, nomeadamente à Capela dos Miranda (Matoso, 2000, 2001).
5. **Convento do Carmo**: um dos sítios que foi objeto de maior número de intervenções. Assim, em **1984** (CNS 3996), intervenção liderada por Maria Cristina Neto; intervenção de **1996** (CNS 3996), levada a cabo por Rodrigues Ferreira (Ferreira, 1997b, 1999); em **2001** (CNS 16492) e em **2005**, intervenções de Rodrigues Ferreira e Maria Conceição Neves (Ferreira & Neves, 2001, 2005); e em **2008**, de António Marques (Marques, 2008b, 2009b). **E o respetivo Largo** (em 2001, intervenção de António Marques). Foi igualmente intervencionado o **Adro Sul**: António Marques em 2001-2002, sondagem em 2008 (Marques, 2008a), salvamento em 2009-2011 (Marques, 2009a; Endovélico) e, posteriormente ao trabalho que agora vos apresento, de António Marques e Raquel Santos em 2013-2015⁵.
6. **Convento de São Vicente de Fora**: Rodrigues Ferreira, em 1978, 1982 (Ferreira, s.d., 1982, 1983, 1984, 1985), 1992-1997 (Ferreira, 1994, 1995, 1996, 1997a), 1998 (Ferreira, 1998a, 1998b, 2000, 2001) e Rodrigues Ferreira e Maria Conceição Neves em 2002-2003.
7. **Igreja de São Domingos**: realizada pela Câmara Municipal de Lisboa, sob a direção de António Dias Diogo e Laura Trindade, com a participação de Rodrigo Banha da Silva e dos antropólogos Susan Eugster e Luís Lopes. A intervenção arqueológica de

emergência fora provocada pelo aparecimento de ossos humanos (Diogo & Trindade, 1999).

8. **Convento de São Salvador**, de onde é proveniente arca tumular de D. João Esteves de Azambuja, exposta no Museu do Carmo.
9. **Igreja de São Francisco**: três intervenções: a de 1988, efetuada por Fernando Severino Lourenço e por Filomena Rodrigues (Lourenço & Rodrigues, 1988); a de 1990, sob a coordenação de Clementino Amaro; e, finalmente, a de 1993, coordenada por Maria de Magalhães Ramalho (Ramalho, 1993).
10. **Igreja de São Martinho**: em 2005 (CNS 22646), numa intervenção que se enquadrou «(...) numa perspectiva preventiva e de minimização de impactos sobre o património arqueológico decorrente da abertura de valas integradas na empreitada PPF 20 (EPAL, S.A), abrangendo a Rua da Saudade e o Largo de São Martinho, em Lisboa», de Sandra Brazuna e restante equipa da ERA – Arqueologia SA (Brazuna, 2005); e de Nathalie Antunes-Ferreira no tocante à vertente antropológica (Antunes-Ferreira, 2005).
11. **Praça da Figueira**: diversas intervenções: em 1960-1961, Irisalva Moita procede à primeira campanha de escavações de salvamento (Moita, 1960, 1964-1966, 1993, 1994; Moita & Marques, 1992), seguida de escavação arqueológica dirigida por Fernando Bandeira Ferreira (sob os auspícios da Junta Nacional da Educação), que nunca seria publicada (Silva, 2012: 74); em 1989, José Luís de Matos menciona em informação técnica (Inf. 20/10/89) a existência de uma importante necrópole romana que havia já sido descoberta durante a construção do túnel do Metropolitano de Lisboa; finalmente, entre 1999 e 2001, no âmbito das campanhas de intervenção arqueológica urbana preliminares à construção de um parque de estacionamento subterrâneo na Praça da Figueira, desenvolvida pelo Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade de Lisboa (R. B. Silva), foi identificada, entre outros contextos, a necrópole do extinto Hospital Real de Todos os Santos (Silva, 2012; Silva & Rodrigues, 2015).
12. **Igreja de São Lourenço**: a primeira intervenção arqueológica teve lugar em 1992-1993, sob a responsabilidade do arqueólogo Clementino Amaro (Amaro, 1999); e em 2007, sob a responsabilidade de Sandra Brazuna e de Marta Lacasta Macedo, ambas integradas na equipa da Era Arqueologia.
13. **Convento do Espírito Santo da Pedreira**: a escavação arqueológica de acompanhamento da recons-

⁵ Informação recolhida durante o Colóquio «A Morte em Lisboa – Novos Dados, Novas problemáticas», a 8 de abril de 2017.

14. Igreja de São João Baptista (Lumiar): existe uma inscrição funerária e comemorativa da instituição da capela de Santa Brígida, sobre suporte de calcário e letras capitais quadradas, datando do século XVI, que marca a sepultura dos três cavaleiros irlandeses («ibernios») que tinham trazido a relíquia de Santa Brígida (originária e martirizada na Irlanda) para Portugal, com destino ao mosteiro de São Dinis de Odivelas, então em construção (Sousa, 1982: 94-96; Vale & Ferreira, 1998; Avellar, Oliveira & Andrade, 2004; Rosa, 2005).

Para o Termo de **Odivelas** foi selecionado o Convento de São Dinis de Odivelas, cujas inscrições funerárias foram estudadas por Mário Barroca (2000: 290, 1123-1124, 1397, 615-1620, 2017-2020).



Finalmente, para o Termo de **Sintra**:

Arqueológico, Joaquim Fontes descreve o cemitério medieval, indicando que as cabeceiras de sepultura deslocadas (e não *in loco*, como as restantes) tinham recolhido ao museu, e aponta alguns casos singulares (1960: 5, 8, 10, 12, 18, 22-24, 26), nomeadamente a inumação dupla em algumas das sepulturas. O sítio foi ainda objeto de intervenções em 1988 – campanha de restauro do imóvel sob orientação de José Cardim Ribeiro e Élvio Melim de Sousa (segundo Coelho, 2007: 6-7); em 1992, por José Cardim Ribeiro, e em 1997, por José Cardim Ribeiro e Catarina Coelho (2007; 2010). Os vestígios osteológicos *in situ* foram estudados respetivamente em 1999 e 2005 por Teresa Fernandes (Coelho, 2007: 8; 2010: 123; Pereira, 2008).



2. a **Ermida de São Saturnino**: a escavação, efetuada em 1993 e 1994, foi coordenada por Cristina Tété Garcia (1997: 92-94).



17

Apresentados que estão os sítios arqueológicos cujos resultados são comparáveis, confrontámo-nos com dois tipos de sítios:

- Os que dispunham de contexto arqueológico de caráter funerário, com os exemplos do Convento do Carmo; o Convento de São Vicente de Fora; a Igreja de São Martinho; a Igreja de São Lourenço; o cemitério de São Miguel de Odrinhas; ou o Convento do Espírito Santo da Pedreira.
- E os que não apresentavam informação de contexto arqueológico de caráter funerário ou elementos utilizáveis do ponto de vista da comparação de dados (embora estes últimos com trabalhos de compilação de inscrições funerárias). Nestes incluímos a Igreja de São Cristóvão; o Convento de São Salvador; a Igreja de São Francisco ou a Praça da Figueira.

2. TIPOLOGIAS DE ENTERRAMENTO E DE CONTENTORES

A análise efetuada aos dados resultantes de sítios com contexto arqueológico de caráter funerário permite-nos tirar as seguintes conclusões:

Quanto às tipologias de enterramento, temos:

- *fossas em plena terra, coval simples ou covacho*, estando presentes em São Vicente ou em São Domingos as sepulturas escavadas diretamente em zonas de marga branda ou bastante arenosa;
- Em São Vicente estas constituem por sua vez igualmente dois tipos:
 - as constituídas por esteios de pedra de recolha local, adoptando uma tendência francamente antropomórfica,
 - ou escavadas diretamente na terra, com forma também antropomórfica e tapadas com grandes pedras, sem afeiçoamento.
- Em Lisboa, as sepulturas escavadas na rocha de forma antropomórfica parecem sobreviver, ou pelo menos a sua reutilização, até finais do século XIV e inícios do século XV.
- *E sarcófagos ou túmulos em pedra*, dos quais se destacam, para Lisboa, o núcleo de arcos tumulares da Sé Catedral e os túmulos dos Mirandas na Igreja de São Cristóvão; ou, para o Convento de São Dinis de Odivelas, o túmulo de D. Dinis.

No tocante às tipologias de contentores, temos:

– *contentores em madeira*: cofragens e caixões; em Lisboa, salienta-se a descoberta de:

- um caixão trapezoidal, depositado sobre uma estrutura de tijoleira, no Convento do Carmo, com uma cronologia atribuível ao século XV;
- a presença de 11 pregos, *in situ* e na vertical, com a ponta virada para cima, que indiciam a presença de um caixão, na Igreja do Carmo;
- 6 pregos, alinhados aos pés da inumação (seps. 18), indicando o uso de caixão, para além do uso de mortalha, em São Lourenço;
- E, finalmente, os indícios de dois caixões (seps. 115 e 138), o primeiro com restos de tachas de cobre e, o segundo, com tachas, um prego e uma possível pega de caixão, provenientes da Igreja de São Martinho.

– E os *carneiros* e *jazigos*, que surgem no Convento do Carmo e em São Vicente, onde são também descritos como «cemitérios de abóbada».

3. TRATAMENTO E TRANSPORTE DO CORPO

No que diz respeito ao tratamento do corpo, assistimos à existência de uma prática generalizada da inumação, e a forma de inumação individual tornou-se progressivamente regra. Existem documentos que fazem referência ao tratamento do corpo no que diz respeito à elite, coincidindo esta descrição com testemunhos arqueológicos postos a descoberto.

Esta prática coexiste ainda com os jazigos e com as fossas coletivas, como a encontrada na Escola Secundária D. João de Castro, a qual parece ter resultado ou de uma epidemia ou de um naufrágio (provavelmente devido à sua proximidade do rio Tejo).

Surgem evidências da mortalha e dos respetivos alfinetes em São Martinho e em São Lourenço. Pela sua condição de materiais perecíveis, deles apenas restam os materiais metálicos.

Existem, ainda, vestígios de vestuário (incluindo acessórios): no Convento do Carmo (1 fivela de cinto e 1 colchete); em São Vicente e em São Martinho.

No que concerne o transporte e colocação do defunto no túmulo, parece-nos poder enquadrar-se nesta perspetiva a sepultura 8, encontrada no carneiro de São Vicente.

A reutilização dos túmulos teve consequências na disposição das ossadas, nomeadamente quanto a reduções de corpos e constituição de ossários. No termo de Lisboa, encontram-se neste caso os exemplos,

de entre os que estudámos: do Convento do Carmo; de São Vicente de Fora; São Domingos; São Lourenço; e no termo de Sintra, São Miguel de Odrinhas e São Saturnino.

Especificamente identificados como ossários temos 4 casos em São Martinho, 5 casos para São Miguel de Odrinhas e 3 casos em São Saturnino.

Existe ainda uma outra tipologia, definida como «caixa-ossário», de que surgem os exemplos de São Cristóvão.

4. O RESULTADO DO ESTUDO COMPARATIVO

O estudo comparativo das informações recolhidas permitiu algumas conclusões que a seguir vos apresento.

Quanto a tipos de sepultura:

- a maioria dos enterramentos foi efetuada em coval simples, não obstante a existência de sepulturas escavadas na rocha de formas diversas em pelo menos 3 sítios (São Vicente de Fora e São Lourenço para o termo de Lisboa, e São Saturnino para o termo de Sintra, onde são maioritárias). Infelizmente a informação não é totalmente completa, devido ao número de enterramentos para os quais o tipo de sepultura não pôde ser determinado.
- Na sua maioria, não tinham cobertura perceptível nem cabeceira.
- A orientação predominante parece ser Oeste-Este, seguida de Este-Oeste. A terceira direção é a de Sudoeste-Nordeste (Igreja de São Martinho).
- De resto, e para responder à falta de disponibilidade de um grande número de enterramentos num espaço condicionado exigia, foram adotadas soluções «inovadoras». Tal é o caso dos carneiros ou ossários, como em São Vicente de Fora ou no Convento do Carmo. As soluções adotadas não são apenas uma característica regional, mas constituem um elemento marcador da evolução populacional e urbana de quase todas as cidades europeias.
- A maior parte das inumações foi feita sem recurso a caixão, ou pelo menos desse contentor não restam vestígios; apenas num número reduzido de sítios surgem elementos que permitem falar de féretro: o Convento do Carmo, a Igreja do Carmo, e as Igrejas de São Martinho e de São Lourenço.
- O exemplo da Igreja do Carmo corresponde à tipologia de caixão de madeira, de forma trapezoidal, descrita por Oliveira Marques (1964: 212).

Em relação aos vestígios osteológicos:

- O número de vestígios completos é muito inferior ao dos incompletos, embora em grande parte estes se encontrassem ainda em conexão anatómica.
- Estes parecem representar uma pequena porção da totalidade de corpos inumados, a qual muitas vezes se resume a fragmentos de pequenas dimensões e de difícil determinação. Os enterramentos que não se encontravam em conexão anatómica aproximam-se do primeiro número (76 para 101 casos).
- Dos 204 encontrados, apenas foi possível determinar o sexo de 58 indivíduos: 36 pertenciam, assim, ao sexo masculino e 22 ao sexo feminino.
- As faixas etárias mais representadas são as crianças (23) e os adultos (83, de idade não determinada). Existem pelo menos 44 casos para os quais não foi possível determinar-se a idade à morte.
- Tudo parece comprovar que, conforme defendia Oliveira Marques (1964), a esperança de vida máxima seria de 70 anos, à qual poucos chegavam, segundo aquele autor, mesmo entre classes mais privilegiadas e abastadas. Os indivíduos de idade mais avançada rondam os 60 a 65 anos: encontramos-os no Convento do Carmo e em São Vicente de Fora.
- Nos casos de Lisboa, as crianças não eram enterradas em locais diferentes dos dos adultos; a exceção encontra-se no cemitério de São Miguel de Odrinhas, no termo de Sintra, onde as crianças deixam de ser inumadas em sepulturas infantis a partir dos dez anos de idade. Dessa faixa etária em diante ocupavam até, com frequência, a mesma sepultura que os adultos, segundo informação fornecida por Teresa Fernandes.

No que diz respeito aos rituais de inumação, a quase totalidade apresentava-se em decúbito dorsal (163 enterramentos). Assistimos, contudo, à adoção de outras posturas (nomeadamente 1 inumado em decúbito ventral e 1 outro em decúbito lateral encontrados em São Vicente de Fora, este último identificado como um indivíduo de religião muçulmana).

No tocante às posições adotadas para a disposição dos membros superiores, numa grande maioria dos casos ou não existe informação ou não foi possível confirmá-la (41 casos para São Lourenço e 21 a 24 casos para São Martinho). A posição predominante, nos casos em que foi possível identificar a mesma, é a de ambas as mãos sobre o púbis/pélvis, seguida das mãos sobre o abdómen.

A exceção é o cemitério medieval de São Miguel de Odrinhas, pela posição convencionada correspondente aos indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino inumados (às mulheres estava reservada a posição ritual das mãos cruzadas sobre a bacia, não apresentada pelos homens), igualmente segundo Teresa Fernandes.

Quanto aos membros inferiores, estes encontravam-se na sua quase total maioria alinhados e estendidos.

A evidência rática está presente em apenas 4 casos:

1. indivíduos que sugerem raça eurocaucasiana (Igreja do Carmo, envoltivo Sul)
2. 1 indivíduo de raça negróide (São Domingos).
3. Para os restantes 110 indivíduos não possuímos informação, mas é muito possível que correspondam a raça euro-caucasiana.

Finalmente, e no tocante às patologias, dos cerca de 126 indivíduos estudados, 34 apresentavam sinais de patologias ósseas e de patologias nos ligamentos e nas articulações. São patentes vestígios deixados por condições infecciosas, um caso de brucelose, hipoplasias devidas a desequilíbrios fisiológicos durante a infância (sendo num dos casos muito grave, pela sua presença em 18 dentes).

Lisboa possuía muita da sua atividade relacionada com o rio. Àquele estão igualmente ligadas muitas patologias mencionadas, observáveis pelos sinais deixados nos vestígios osteológicos. E os encontrados em São Domingos têm-no bem patente: dizem respeito a uma população pobre, com uma dieta alimentar medíocre, e correspondem a trabalhadores braçais obrigados a esforços violentos e continuados, marcados na má articulação das ancas em indivíduos que aparentam ter mais de 40 a 50 anos.

No entanto, as mesmas patologias são igualmente integráveis nas circunstâncias gerais de vida – populações com carências alimentares, entre outras – que se faziam sentir nas cidades europeias dos séculos XII a XV, para o que contribuíram os ciclos de fome e a peste, respetivamente dos séculos XIII e XIV.

São sobretudo visíveis na população adulta, maioritária em todos os sítios estudados. A exceção é mais uma vez São Miguel de Odrinhas: sem deixar de mostrar sinais de esforços físicos continuados, a população representada aparenta ser mais robusta e sem apresentar um índice elevado de cáries ou de processos infecciosos.

No tocante ao sistema de reutilização das sepul-

turas, em cerca de 40% dos sepulcros existiam outros ocupantes, com um enterramento simultâneo de crianças e adultos. Verifica-se ainda a existência de ossários, nomeadamente em São Saturnino.

Sobre este assunto as conclusões não poderão ser senão parciais, dado que não existe muita informação disponível. E em alguns casos, os vestígios escavados prolongam-se até ao século XVIII, excedendo por isso os limites cronológicos do presente estudo.

Continuam a ser escassas as informações quanto ao mobiliário funerário; a sua ausência poderá ser atribuída à expressão da humildade e do despojamento que caracterizava a ideia de morte e do «passamento» no período entre os séculos XII e XV.

Persistem ainda velhos costumes, como o dos «dizneiros velhos» ou o óbolo para Caronte, que são visíveis em diversas sepulturas nos sítios que estudámos.

O espólio em contexto funerário encontrado em Lisboa e Sintra e constituído por numismas é assim significativo, verificando-se o inverso quanto a objetos de adorno.

Da mesma forma, existem poucos exemplos de alfinetes de mortalha nos sítios selecionados.

Alguns dos sítios sofreram mutações no tocante à orientação das sepulturas: assim, estas alterações verificam-se também quanto ao perímetro associado ao cemitério, seguindo igualmente a evolução urbana da cidade e as campanhas de reconstrução ou ampliação dos templos aos quais estavam associados.

Estes elementos são muito mais visíveis na distribuição das sepulturas da Ermida de São Saturnino (estando as correspondentes aos séculos XVI e XVII/XVIII centralizadas noutros espaços do mesmo recinto) e de São Lourenço.

É necessário ter igualmente em conta a destruição de testemunhos arqueológicos provocada pelo Terramoto de 1755 em Lisboa, assim como todas as alterações sofridas devido à transformação nos próprios edifícios no período pós-Terramoto, como nos casos do Convento do Carmo e da Igreja de São Martinho.

Relembramos que os locais cemiteriais foram muitas vezes perturbados por afastamentos contemporâneos correspondentes à reutilização do mesmo espaço sepulcral num período cronológico longo. A esta situação acrescem as alterações políticas: a título de exemplo, D. Sebastião tentou ver o corpo de D. Afonso Henriques e, já no século XX, foi aberto o féretro de D. Dinis, de que Cordeiro de Sousa nos faz a descrição.

Propomos então um resumo tipológico das sepulturas abrangidas pelos territórios que estudámos:

A	Sepulturas escavadas na rocha antropomórficas	
B	Sepulturas escavadas na rocha oval ou ovalada	
C	Coval simples	
D	Coval organizado	
E	Caixão	

Figura 5 – Tabela tipológica das sepulturas em uso no termo de Lisboa. De cima para baixo: A – São Vicente de Fora; B – São Saturnino (ambos os casos); C – São Lourenço (em cima) e São Martinho (em baixo); D – São Miguel de Odrinhas; E – Igreja do Carmo. Margarida Ataíde, a partir de imagens de: A – Ferreira, s.d.; B – Garcia, 1997, p. 90; C – Amaro, 1999; Brazuna, 2005; D – Coelho, 2007, Área 1, Sepultura 1; E – Ferreira, 1997b, p.141.

Do ponto de vista morfológico e tipológico, os sítios estudados mostram um caráter funerário diferenciado no tocante à expressão disponível e atribuível a classes sociais existentes na cidade:

- Os jazigos e o enterramento no interior das igrejas e do seu recinto para uma camada da população com maior poder económico e com maior influência;
- o enterramento no cemitério anexo para a população mais pobre.

Pelo atrás exposto, parece-nos estar perante três situações sociais e económicas distintas:

- por um lado, uma classe economicamente mais poderosa, que lhe permitia uma atitude perante a morte mais consentânea com os seus valores morais e religiosos, e com a preservação do corpo (identificado quase sempre através da aposição de inscrição ou de lápide funerária);
- uma outra camada da população, constituída por letrados (ver o caso de São Lourenço) ou habitando em zonas da cidade de maior prestígio (ver o caso de São Martinho, que se situava junto a um Paço Real, ou ainda do Convento do Carmo), para a qual se identifica mesmo a ausência de epitáfio, não obstante terem sido inumados no interior de um templo religioso;

– finalmente, uma terceira camada da população, de cariz social e económico mais desfavorecido, mais pobre, ou mesmo de cariz mais rural que, imbuída das mesmas preocupações com a morte e a vida além-túmulo, conseguiu lugar de sepultura junto a um edifício religioso (ver os casos de São Domingos, do Largo do Carmo, no termo de Lisboa, ou de São Miguel de Odrinhas e da Ermida de São Saturnino, no termo de Sintra).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lisboa conhece um grande desenvolvimento durante o período das Descobertas, que se reflete numa enorme expansão da população e dos espaços sepulcrais.

No período que decorreu entre 2011 e 2016, outros lugares sepulcrais foram postos a descoberto em diversos pontos do País.

Apenas no território escolhido, podemos citar a necrópole do Castelo dos Mouros, em Sintra (33 sepulturas do período cristão, com dois ou três enterramentos cada, e cujas escavações entre 2009 e 2012 foram efetuadas em colaboração com a UNL); e mais recentemente, em Lisboa, temos a destacar a descoberta da necrópole medieval na Mouraria (entre o Largo das Olarias e a Rua dos Lagares, Junho de 2016) e da necrópole medieval junto à Sé (constituída por cerca de 70 sepulturas, de que se desconhecem ainda pormenores, mas atribuíveis ao séc. XII).

Como tive ocasião de referir no início da minha intervenção, parece-me essencial que este trabalho que vos apresentei seja completado, atualizado e consolidado não apenas com dados referentes a novas descobertas arqueológicas, mas alargado aos períodos históricos precedentes e ulteriores.

Tal síntese permitir-nos-à ter uma ideia mais concreta da vida e da morte na cidade de Lisboa, podendo conduzir a uma linha de investigação no espaço olisiponense. Os inúmeros dados recolhidos encontram-se dispersos e publicados em revistas da especialidade sem que esse trabalho tenha sido sistematizado.

É este repto que vos deixo, tanto quanto à Comissão de Estudos Olisiponenses: o de uma pedra angular que constituirá, para já, a publicação das atas deste colóquio e de uma compilação mais vasta para a qual, estou certa, todos vós contribuirão.

Desejo-vos bons resultados e uma continuação de bom trabalho.

Resta-me agradecer a vossa atenção e a vossa paciência.

Bem hajam.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Pedro (2008) – *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos – PRR 48. Rua de Santo Estêvão e Envolventes. Acompanhamento Arqueológico*. Lisboa (enviado ao IGESPAR em 16-10-2008).
- AMARO, Clementino José Gonçalves (1992) – Arqueologia urbana de Lisboa - sua evolução. *Al-madan*, 1 – 2ª Série, pp. 19-22).
- AMARO, Clementino José Gonçalves (1993) – “Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa”. *Estudos Orientais IV – Os fenícios no Território Português*. Lisboa: Instituto Oriental, pp. 183-192.
- AMARO, Clementino José Gonçalves (1995) – “Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa”. *IVª Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Lisboa, 1992) (Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica, 4). Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, pp. 337-342.
- AMARO, Clementino José Gonçalves (1999) – Palácio da Rosa – Igreja de S. Lourenço – Mouraria, Lisboa. Relatório de Trabalhos Arqueológicos, relatório entregue ao IPA.
- ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2005) – “Relatório da Intervenção Arqueológica da Antiga Igreja de São Martinho (Freguesia de Santiago, Lisboa): a Exumação e Análise das Ossadas Humanas” in Brazuna, 2005 (pp. 58-102).
- ARAÚJO, Norberto de (1992) – *Peregrinações em Lisboa*, vol. II, 2.ª Edição. Lisboa: Vega.
- ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera Teixeira de; VALLEJO SÁNCHEZ, Juan I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3:2, pp. 25-59.
- AVELLAR, Filipa; OLIVEIRA, Lina; ANDRADE, Sara (2004) – *Igreja de São João Baptista*. [S. l.]: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BARROCA, Mário Jorge (2003) – “A Peste Negra na Epigrafia Medieval Portuguesa” in Fonseca; L. A.; Amaral, L. C.; Santos, M. F. F. (coord.) *Os Reinos Ibéricos na Idade Média: Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, vol. 3. Porto: Civilização Editora, pp. 1159-1166.
- BRAZUNA, Sandra (2005) – *Rua da Saudade/Largo de São Martinho (Lisboa). Relatório dos Trabalhos Arqueológicos/423.05*.
- BUGALHÃO, Jacinta (2005) – *Trabalho Arqueológico Anual – 2000. Intervenção de Emergência na Escola Secundária D. João de Castro*.
- CUNHA, Armando Santinho; FERREIRA, F. E. Rodrigues (1998) – *Vida e Morte na época de D. Afonso Henriques*. Lisboa: Hugin.
- COELHO, Catarina (2007) – *Relatório da Intervenção Arqueológica Preventiva realizada nas Ruínas de São Miguel de Odrinhas (Sintra), 1997*. Relatório enviado ao IPA.
- COELHO, Catarina (2010) – Ruínas Arqueológicas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da campanha de 1997. *Arqueologia & História*, 56-57, pp. 119-142.
- DIOGO, António Dias (1993) – *Relatório da Intervenção Arqueológica efectuada na Rua de S. Mamede ao Caldas, frente ao Palácio Penaflor, em Lisboa*. Apresentado ao IPPAR.
- DIOGO, A. M. Dias; TRINDADE, Laura (1999) – Estudos Arqueológicos efectuados pelo G.T.T.R.L. no Martim Moniz e sua Envolvente. *Olisipo*, 8 – II Série, pp. 44-54.
- FERNANDES, Carla Varela (2001) – *Memórias de Escultura Tumular Medieval da Sé de Lisboa*. Lisboa: IPPAR.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (s. d.) – *Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora. Relatório das Campanhas anteriores (1978-1979)*. Apresentado ao IPPC.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1982) – *Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa*. Relatório entregue ao IPPC em 29.11.82.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1983) – Escavação do Ossário de S. Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa. *Revista Municipal de Lisboa*, 4 - 2ª série, pp. 5-36.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1984) – Mil e cem anos na história de S. Vicente de Fora – Contributo da Arqueologia. *Al-Madan*, 2, pp. 10-13.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1985) – O Cemitério dos Cruzados de São Vicente de Fora – Subsídios para a reconstituição da sua fisionomia. *Revista Municipal de Lisboa*, 12, pp. 3-12.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1994) – *Acompanhamento arqueológico das obras de reconstrução do Mosteiro de S. Vicente de Fora*. Relatório entregue ao IPPAR em Junho de 1994.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1995) – O Mosteiro Afonsino de S. Vicente de Fora. *Monumentos*, 2, pp. 8-13.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1996) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Campanha de 1995 – Relatório*. Relatório entregue ao IPPAR em Abril de 1996.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1997a) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Intervenção Arqueológica – Campanha de 1996*. Relatório entregue ao IPPAR em Janeiro de 1997.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1997b) – *Igreja do Carmo. Intervenção Arqueológica*. Relatório de Escavação apresentado ao IPPAR em Janeiro. Processo 82/1 (210) DA.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1998a) – Ensaio para uma leitura económica e social do contexto arqueológico de S. Vicente de Fora. *Olisipo*, 6 – 2ª série, pp. 11-37.

- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1998b) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Intervenção Arqueológica – Campanha de 1997*. Relatório entregue ao IPPAR em Janeiro de 1998.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1999) – “Escavações Arqueológicas da Igreja do Convento do Carmo”. *Arqueologia & História*, 51, pp. 73-164.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (2000) – *Mosteiro de S. Vicente de Fora – Relatório da Intervenção Arqueológica de 1999*. Relatório entregue ao IPA em Janeiro de 2000.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (2001) – Os Silos medievais de S. Vicente de Fora. *Arqueologia e História*, 53, pp. 49-66.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2001) – *Acompanhamento Arqueológico. Zona Adjacente ao Lado Sul da Igreja do Carmo*. Relatório de Progresso apresentado ao IPPAR em Setembro de 2002. Processo 2001/1 (297).
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2005) – *Ligação pedestre ao elevador de Santa Justa. Acompanhamento Arqueológico*. Relatório de Intervenção apresentado ao IPPAR em Setembro de 2005. Processo 2001/1 (297).
- FONTES, Joaquim (1960) – *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- GARCIA, Cristina Tété (1997) – Ermida de São Saturnino: breve nota de uma escavação arqueológica na Serra de Sintra. *Arqueologia Medieval*, 5, pp. 85-101.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (1999a) – *Relatório das Escavações Arqueológicas do Espírito Santo II – 1997*. Relatório enviado ao IPA.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (1999b) – *Relatório das Escavações Arqueológicas na Praça Nova, Castelo de S. Jorge – 1997*. Relatório enviado ao IPA.
- LAWERS, Michel (2005) – *Naissance du cimetière. Lieux Sacrés et terre des morts dans L’Occident médiéval*. Paris : Aubier, Editions Flammarion.
- LOURENÇO, Fernando Severino; RODRIGUES, Filomena (1988) – *Relatório das Sondagens efectuadas no Anexo do Museu de Arte Contemporânea – Antigo Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa*. Entregue ao IPPC.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (1964) – *A Sociedade Medieval Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- MARQUES, António (2008a) – *Pátio B – Área envolvente Sul da Igreja do Convento do Carmo. Projecto de Sondagens Arqueológicas*. Apresentado ao IPA em 17 de Outubro de 2008.
- MARQUES, António (2008b) – *Terraços do Carmo. Relatório de Progresso*. Apresentado ao IPA em 27 de Junho de 2008.
- MARQUES, António (2009a) – *Pátio B – Área Envolvente Sul da Igreja do Convento do Carmo (PBIC 08). Intervenção Arqueológica – Relatório Preliminar*. Apresentado ao IGESPAR em 5 de Março de 2009.
- MARQUES, António (2009b) – *Terraços do Carmo (TC 08). Intervenção Arqueológica – Relatório Final*. Apresentado ao IPA em 5 de Fevereiro de 2009.
- MATOS, José Luís Martins de (1994) – Escavações arqueológicas nos claustros da Sé de Lisboa. *Al-Madan*, 3 – 2ª Série, p. 108.
- MATOSO, Inês (2000) – *Um apontamento de tumulária medieval: o conjunto da igreja de São Cristóvão*. Lisboa: Gabinete de Estudos Oisiponenses/Câmara Municipal de Lisboa.
- MATOSO, Inês (2001) – Um Apontamento de Tumulária Medieval – O Conjunto de Igreja de São Cristóvão em Lisboa. *Arqueologia & História*, 53, pp. 75-90.
- MOITA, Irisalva (coord.) (1960) – *Lisboa: Praça da Figueira (Hospital Real de Todos os Santos)*. Relatório de trabalhos arqueológicos apresentado ao IPPC, Lisboa.
- MOITA, I. (1966) – Hospital Real de Todos-os-Santos (relatório das escavações a que mandou proceder a CML de 22 de Agosto a 24 de Setembro 1960). *Revista Municipal*, 101-111, pp. 41-59.
- MOITA, Irisalva; MARQUES, Jorge (fot.) (1992) – *V Centenário do Hospital de Todos os Santos*. Lisboa: Correios de Portugal.
- MOITA, Irisalva (1993) – “As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos” in Pereira, P. (dir.) *Hospital Real de Todos-Os-Santos Séculos XV-XVIII*. Catálogo. Lisboa: Museu Rafael Bordalo Pinheiro, pp. 20-22.
- MOITA, Irisalva (coord.) (1994) – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- PEREIRA, Maria Teresa Ribeiro Matos Fernandes Rocha (2008) – *A População Medieval de S. Miguel de Odrinhas (Sintra) – Caracterização Biológica*. Dissertação de Doutoramento para a obtenção do Grau de Doutor em Biologia apresentada à Universidade de Évora.
- PINTO, Lara; ROBALO, Elisabete (2003) – *Parecer Mensal 2. Calçada Nova do Colégio e Envolventes*. [S. l.]: Era Arqueologia SA, pp. 5-6.
- RAMALHO, Maria de Magalhães (1993) – *Relatório de Trabalhos Arqueológicos realizados no Antigo Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa*. Entregue no IPPAR em 14 de Outubro.
- ROCHA, Artur; REPRESAS, Jessica (2008) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Edifício-Sede do Banco de Portugal (Lisboa) Volume I – Texto*. Relatório entregue em Maio 2008.
- ROSA, Ana (2005) – *Igreja de São João Baptista*. [S. l.]: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

SEPÚLVEDA, Eurico de; GOMES, Nuno; SILVA, Rodrigo Banha da (2003) – Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a terra sigillata. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6:2, pp. 401-414.

SILVA, Rodrigo Banha da (1999) – *Relatório da Intervenção Arqueológica «Rua dos Douradores 1997» (Lisboa)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Departamento do Património Cultural, Divisão de Museus, Serviços de Arqueologia.

SILVA, Rodrigo Banha da (2012) – “Arqueologia viária romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira” in Pimenta, J. (coord.) *Atas Mesa Redonda “De Olisipo A Ierabriga”* (Cira Arqueologia, 1). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 74-87.

SILVA, Rodrigo Banha da; RODRIGUES, Ana Filipa (2015) – *Cerâmicas finas barrocas de um contexto de finais do séc. XVII-inícios do séc. XVIII de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa)* (Estudos e Relatórios de Arqueologia Tagana, 1). Lisboa: [s. n.], pp. 1-8.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1966) – “Uma campã em São Lourenço de Carnide”. *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. III, 2ª ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 89-90.

SOUSA, J. M. Cordeiro de (1982) – “O cemitério da Ordem de Santiago no Adro da Sé”. *Colectânea Olisiponense, Artigos Publicados em Revistas e Jornais*, Vol. I, 2ª ed., Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 11-13.

VALE, Teresa; FERREIRA, Maria (1998) – *Igreja de São João Baptista*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

VALERA, António Carlos (2005) – Intervensões da ERA Arqueologia S.A. em 2004. *Al-Madan*, 13 - IIª Série, pp. 144-145.

